

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



**SILBERT, Albert** (Paris, 1915 – Paris, 30-12-1996)

Nascido em Paris em 1915 no seio de uma família de origem judaica, Albert Silbert realizou naquela cidade os seus estudos secundários e superiores, tendo frequentado a Sorbonne e a École des Hautes Études (VI secção) na segunda metade dos anos trinta, antes da Segunda Guerra Mundial, período onde se situa a sua formação intelectual. Foram seus professores personalidades tão influentes na historiografia francesa e internacional como Marc Bloch e Georges Lefebvre na primeira e Fernand Braudel na segunda. Teve também como colegas futuros historiadores que viriam igualmente a distinguir-se tanto na profissão como no interesse pelos países Ibéricos e seus impérios como Frédéric Mauro. Numa entrevista concedida à revista *Ler História* em 1985 referiu que, enquanto candidato à *agregation*, foi com Braudel que o seu interesse pelo mundo ibérico despertou, um interesse alimentado tanto pela história como pela política contemporânea, em particular pela Guerra Civil de Espanha, cujo início reconheceu ter sido “um choque” para ele como para muitos outros jovens. Na mesma entrevista, torna bem clara essa relação entre história e política nas origens do seu interesse pela Península Ibérica ao afirmar: “Como eu me formara em história queria compreender as relações entre os fenómenos políticos e sociais e particularmente qual a influência da grande propriedade nas origens daquele conflito” (Albert Silbert, Entrevista à *Ler História* nº 5 (1985) conduzida por Magda Pinheiro, p. 121).

Se estas razões pesaram nos seus futuros estudos de história agrária, em particular na grande obra que seria a sua tese de doutoramento *Le Portugal Méditerranéen à la fin de l'Ancien Régime - XVIIIe – début du XIXe siècle. Contribution à l'histoire agraire comparée*, o gosto pela história agrária que na introdução daquela obra atribui a Marc Bloch e a Georges Lefebvre, é também indissociável da sua formação em Geografia, uma disciplina, à época, profundamente ligada à História na universidade francesa. A esse respeito diz na já citada entrevista: «Não devo esquecer o papel dos geógrafos. Antes da guerra os historiadores franceses tinham ainda mais do que hoje uma formação em geografia (...) ora a geografia agrária da época utilizava a explicação histórica. Falava-se muito de “colectivismo” e de “individualismo”» (*Le Portugal Méditerranéen...*, p. 122).

A eclosão da 2ª Guerra Mundial iria adiar por mais de meia década os estudos e projetos do jovem Albert Silbert como os de tantos outros milhões de jovens. Uma grande parte desses sombrios tempos passá-los-



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

ia num campo de prisioneiros na Prússia Oriental, em Stablack, o *Stalag I A*, um campo para estudantes mobilizados e aspirantes do exército, de que o regime de Vichy negociaria a transformação em “universidade”. Uma “universidade” *suis generis* que Vichy teria querido transformar em local de formação de quadros para a sua *Revolução Nacional* com reduzido êxito, apesar de o campo ter beneficiado da proximidade da Universidade alemã de Königsberg que lhe forneceu livros e enviou mesmo conferencistas. Albert Silbert escreveu sobre esta estranha experiência dois artigos publicados na *Revue d'Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale*, intitulados “Le camp des aspirants” republicados mais tarde em 1991 na obra *Le camp des aspirants pendant la Deuxième Guerre Mondiale: 1939-1945*, editada pela *Amicale du camp des aspirants*. Esta terá sido uma das suas poucas incursões na história do século XX, já que nestes textos se situa mais como historiador do que como protagonista, procurando afastar-se da sua vivência pessoal e adoptar um olhar distanciado sobre aquela dolorosa experiência. Uma experiência de que evocará mais tarde alguns aspetos mais pessoais, ao referir ter sido naquele campo de prisioneiros e respetiva “universidade” que pela primeira vez ensinou, tendo sido as línguas uma das principais matérias leccionadas. Foi ali também que pela primeira vez contactou com a língua portuguesa e com Portugal, através de um camarada do mesmo regimento, filho de emigrantes, (que dava lições de português servindo-se do método alemão de Otto Sauer) um facto que considerou ter tido bastante importância para o seu futuro.

Regressado a Paris finda a guerra, Albert Silbert voltou a contactar Fernand Braudel para que o orientasse na escolha de um tema de tese e este ter-lhe-á falado imediatamente de Portugal que lhe despertava grande interesse. Por essa época e por intermédio de Braudel, conheceu Vitorino Magalhães Godinho, recém-chegado à capital francesa e, através dele, outros historiadores portugueses em particular Joaquim Barradas de Carvalho a quem o ligaria uma forte amizade que nunca deixou de sublinhar. A decisão de estudar, por intermédio de Portugal, o mundo latifundiário do Mediterrâneo tornou-se, a partir de então, o seu objectivo; um objectivo para cuja análise mobilizou os ensinamentos de Ernest Labrousse de quem aprendeu, nas suas próprias palavras, “como tantas gerações de historiadores franceses o que devia ser uma história económica que se recusa a esquecer os homens” (*Le Portugal Méditerranéen...*, p. 9).

Inteiramente consagrado ao trabalho da sua tese conseguiu obter condições para, entre 1948 e 1950, passar 14 meses em Portugal onde pela primeira vez contactou com os arquivos nacionais e mais proximamente com investigadores portugueses. Além de historiadores ligou-se igualmente a geógrafos, na linha da sua própria formação, em particular a Orlando Ribeiro com quem manterá uma amizade e um diálogo intelectual muito vivos. Alguns dos problemas postos por este geógrafo, ligados ao colectivismo agrário, como o dos *openfields* da Beira-Baixa, quadravam bem com os ensinamentos que, no domínio da história agrária, tinha colhido de Marc Bloch e Georges Lefebvre. Na já citada entrevista onde evoca os seus primórdios no conhecimento de Portugal, refere a importância que para os seus estudos tiveram as visitas ao terreno, como as que realizou com Orlando Ribeiro à zona centro e com o geomorfólogo e



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

agricultor Mariano Feio ao Alentejo e Algarve. Considerou que este último lhe tinha ensinado tudo sobre a agricultura alentejana. Contactou também com etnólogos como Jorge Dias que encontrou por via de Mariano Feio, com os quais conheceu o Norte do país, em particular o Minho, onde pôde observar a paisagem das agras, os *mini-openfields* já estudados por Alberto Sampaio (Entrevista à *Ler História* nº 5 (1985), p. 123).

Menos felizes terão sido as suas explorações nos arquivos centrais portugueses, em particular na Torre do Tombo, que considerou ser, nessa altura, pouco acessível e pouco habituada à presença de historiadores. O mesmo não sucedeu com a Assembleia Nacional (hoje Assembleia da República) onde recolheu os documentos da comissão de agricultura das primeiras Cortes liberais portuguesas, cujo estudo esteve na origem da sua tese complementar publicada com o título de *Le problème agraire portugais au temps des premières Cortès libérales*. A sua preferência pelos arquivos regionais e locais, que considerou serem menos condicionados embora mal-organizados, é uma característica que pode detetar-se, desde logo, nos agradecimentos que dirige a diversas individualidades no prefácio do *Le Portugal Méditerranéen* por neles o terem guiado e que refere sistematicamente, pessoa a pessoa e localidade a localidade, no jeito minucioso e escrupuloso que lhe era muito próprio.

Um bom conhecimento de terreno que a consulta dos arquivos regionais e locais facilitou, consolidado pelo mais completo domínio dos arquivos centrais que lhe foi possível obter, uma sólida formação historiográfica colhida junto dos maiores nomes da historiografia francesa sua contemporânea e o contacto próximo com historiadores, geógrafos e antropólogos portugueses, (a sociologia, sob suspeita no Portugal de Salazar não se praticava à época) deram-lhe uma perspectiva ao mesmo tempo ampla e profunda do seu trabalho que planeou de forma ambiciosa.

Não deixou mais tarde de lamentar o contraste entre essa ambição e os meios de que dispôs para a prosseguir, dadas as contingências da pesquisa histórica em Portugal naqueles anos, cujo atraso o surpreendeu mesmo em comparação com a de Espanha como sublinharia mais tarde, mas não o fez desanimar, levando-o a correr o risco de representar o papel de *défricheur* que poderíamos traduzir por “desbravador”. Era este o caminho que parecia mais seguro dado que, nas suas próprias palavras: “A base documental com que sonhávamos revelou-se impossível de encontrar. Não encontramos nenhuma fonte estatística que pudesse servir a um estudo completo da propriedade e da exploração, nenhuma conduzia a uma análise científica do movimento da produção, dos rendimentos e mesmo dos preços, nenhuma permitia um exame preciso da paisagem rural e dos seus detalhes. Isto significa que a aplicação dos métodos rigorosos da história económica, social, geográfica tais como se concebem e se praticam atualmente, afigurou-se-nos impossível”. (Albert Silbert, *Le Portugal Méditerranéen...*, p. 10). Face a esta escassez de meios condizentes com o que começara a ser a história económica e social do mundo rural em França que se expressava em trabalhos como os de Georges Lefbvre de que é exemplo *La Revolution Française et les paysans*, ou nos de Ernest Labrousse como *Esquisse du mouvement des prix et des revenus en France au*



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

*18<sup>ème</sup> siècle*, Albert Silbert assentou o seu estudo sobre reconstruções minuciosas da realidade agrária do Sul de Portugal nos finais do Antigo Regime (Beira-Baixa e Alentejo), por vezes aldeia a aldeia, usando mesmo, segundo o seu próprio testemunho, documentos isolados e até fragmentos, o que, além de “desbravador” o transforma também, de algum modo, em “decifrador”. Um decifrador de enigmas poder-se-ia acrescentar, que prefigurou, por vezes, os métodos da micro-história com mais de 20 anos de antecedência e em parte pelas mesmas razões e dificuldades de organização de arquivos que se associam à emergência daquela metodologia. Não se deve esquecer que a arquitectura institucional do Antigo Regime tardio foi pela primeira vez “decifrada” por Albert Silbert.

Conhecido em Portugal sobretudo por aqueles seus dois trabalhos referenciais aos quais consagrou mais de 16 anos de pesquisas, já que a sua tese principal, o futuro *Le Portugal Méditerranéen* foi apresentada na Sorbonne somente em 1964 onde foi debatida e avaliada por um júri que integrava Fernand Braudel, Ernest Labrousse e Pierre Vilar (Entrevista a Carlos Veiga Pereira, *Letras e Artes*, 7/9/1966), a obra de Albert Silbert esteve longe de a eles se resumir. Na realidade, outros estudos de menor dimensão foram acompanhando esta sua pesquisa principal e foram sendo publicados em francês e por vezes também em português desde 1950, em revistas como o *Bulletin des Études Portugaises* ou na *Revista de Economia*. Na primeira apareceria em 1950, “Autour de Francisco Solano Constâncio” e dois anos mais tarde “Chartisme et Septembrisme. La vie politique à Porto de 1836 à 1839 d’après les consuls français ». E na segunda, “Contribuição para o estudo do movimento dos preços dos cereais em Lisboa (do meio do século XVIII ao meio do século XIX)” em 1953. Se o último destes artigos era um ensaio de história económica claramente influenciado por Ernest Labrousse, os dois primeiros partiam da história política e da sua possível articulação com a história social, tendo por base documental fontes dos arquivos franceses, em particular do Arquivo dos Negócios Estrangeiros que Silbert não deixaria de explorar até ao fim da sua vida e, através dele, de prosseguir o estudo da história política e diplomática do Portugal do século XIX. Estes e outros trabalhos já dos anos 60 viriam a ser publicados em português pelos Livros Horizonte em 1972 num volume intitulado *Do Portugal do Antigo Regime ao Portugal Oitocentista*, uma colectânea que conheceu notável sucesso depois da renovação dos cursos de História que se seguiu ao 25 de Abril de 1974. Textos como “O Feudalismo Português e a sua abolição” ou o já citado “Cartismo e Setembrismo” constituíram material de leitura obrigatória para várias gerações de estudantes o que não deixou de ter o efeito perverso de transformar em cânone estudos que não tinham claramente essa intenção. No próprio ano do aparecimento de “Chartisme et Septembrisme” no *Bulletin des Études Portugaises*, Jorge Borges de Macedo havia de dar testemunho do interesse que os trabalhos de Silbert começavam a suscitar em Portugal, embora no seio de um grupo restrito de investigadores, ao publicar sobre ele uma pequena mas muito elogiosa recensão crítica. Nela fazia notar que Albert Sibert não era “um desconhecido na investigação da História de Portugal “já que há muito se dedicava “à história rural portuguesa, campo



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

deserto da nossa historiografia a que corajosamente se entregou” (Jorge de Macedo, “Chartisme et Septembrisme...”, por Albert Silbert, *Ler. Jornal de Letras, Artes e Ciências*, nº 19, Outubro de 1953, p. 3).

Dos anos de 1950 data também a publicação de um ensaio historiográfico sobre a ilha da Madeira que permaneceu singular no seu percurso. Um ensaio importante que perspectiva o comércio madeirense na longa duração, de 1640 a 1822, analisando o seu papel no comércio Atlântico, acompanhando rotas e tráfegos associados aos seus ciclos produtivos: da cana-de-açúcar ao vinho, e mostrando também a instável relação com a economia do continente. Publicado em 1954, em francês, pela editorial Império, o texto viria a ser duas vezes reeditado depois da sua morte nos anos 90 (*Uma encruzilhada do Atlântico, Madeira (1640-1820)*, 1997). Mas sem dúvida a projeção da obra de Albert Silbert em Portugal tornou-se muito maior após a publicação respetivamente em 1966 e 1968 de *Le Portugal Méditerranéen* e de *Le problème Agraire Portugais*. Quando abordamos as repercursões destas duas obras maiores de Silbert, em particular da primeira, a sua volumosa tese que ocupa cerca de 1200 páginas e à qual consagrou tantos anos da sua vida, procuramo-las sobretudo em Portugal, onde estas obras se tornariam incontornáveis referências historiográficas e tendemos a passar em claro os seus ecos em França. No entanto, a primeira reacção académica a *Le Portugal Méditerranéen* veio de fora do país e revestiu a forma de uma recensão crítica de autoria de Frédéric Mauro publicada na *Revue belge de philologie et d'histoire* (recensão a Albert Silbert, *Le Portugal Méditerranéen. Revue belge de philologie et d'histoire*, 1967, vol. 45, nº 2, pp. 551 – 555). Esta recensão é, claramente, o resultado de uma leitura muito atenta da obra por um bom conhecedor da história portuguesa capaz de avaliar o carácter inovador do trabalho de Silbert e de o situar também no quadro da produção historiográfica francesa do pós-guerra. O primeiro parágrafo é esclarecedor: “Depois da guerra cada uma das grandes teses publicadas em França vale em simultâneo pelo que acrescenta ao conhecimento do passado e pela renovação que traz aos métodos de pesquisa. O livro de Albert Silbert não foge à regra” (*Idem*, p. 551). Mauro analisa em seguida detalhadamente o livro, pondo em relevo a grande maturidade que revela, a bibliografia exaustiva e “profundamente meditada” e o carácter intencional do seu ângulo de abordagem. Uma abordagem que põe em paralelo, sem as confundir, com as de Braudel e Emmanuel Le Roy-Ladurie, lembrando também o Marc Bloch dos *Caractères originaux de l'histoire rurale française*, e sublinhando a natureza comparativamente “mais geográfica” do trabalho de Silbert. Esta característica leva-o a evocar Orlando Ribeiro, de que se percebe conhecer bem a obra, e o modo como os trabalhos do geógrafo terão informado muitas das análises do historiador. A sensibilidade à conjuntura e a apreciação dos seus efeitos nas mudanças das estruturas da economia e da sociedade, particularmente marcadas na sua análise do Alentejo, denotariam, no entanto, todo o peso da abordagem histórica. Frédéric Mauro refere-se ainda ao problema das fontes, sobretudo das fontes capazes de fornecer séries estatísticas, escassas nos arquivos portugueses, fazendo notar, porém, que se a história económica quantitativa está relativamente ausente do livro de Silbert, a exploração qualitativa inspirada pela geografia



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

e completada pela reunião de “informações parciais, quadros incompletos e números dispersos”, acaba por levar, apesar de tudo, a “uma ideia aproximada, séria, das quantidades”.

Em 1969 seria publicada uma curta recensão a *Le problème agraire...* no *Bulletin Hispanique* de autoria de Jean Roche, um historiador interessado no mundo luso-brasileiro que tinha defendido poucos anos antes uma tese sobre o Rio Grande do Sul no século XIX também recenseada por Frédéric Mauro. Ao analisar a rigorosa e erudita publicação das próprias petições enviadas à Comissão da Agricultura das primeiras Cortes liberais (1821-22 e 1822-23) que constitui uma das grandes riquezas da obra, Jean Roche sublinha a sua importância para o estudo dos principais problemas que atravessavam o mundo rural português no início dos anos de 1820 e chama também a atenção para o modo como permitem, em termos comparativos, situar a “crise portuguesa” no contexto da “revolução europeia de 1820 e da contra-revolução camponesa do século XIX”. Com grande capacidade de visão refere também a sua importância para os estudiosos do léxico e da semântica histórica escrevendo: “Temos pois aqui documentos que nos permitem delimitar campos semânticos, compreender a relação de palavras entre si e de palavras a instituições, estruturas ou mentalidades” (recensão a Albert Silbert, *Le problème agraire portugais...*, *Bulletin Hispanique*, 1969, v.71, nº1, p.416).

No que respeita às reações portuguesas, o primeiro texto que encontramos data do próprio ano de 1966 e consta de uma longa entrevista a Albert Silbert conduzida pelo jornalista Carlos Veiga Pereira, à época exilado em Paris, publicada no *Jornal de Letras e Artes* com o sub-título de “Duas teses na Sorbonne sobre História de Portugal”. O jornalista situa as duas teses de Silbert na linha de outros estudos de estrangeiros sobre Portugal e o seu império, onde destaca nomes como os de Marcel Bataillon, Léon Bourdon, Frédéric Mauro e, em Inglaterra, Charles Boxer, chamando a atenção também para a novidade dos trabalhos de Silbert no contexto historiográfico português. Novidade que se cifraria na abordagem dos problemas do mundo rural num período geralmente esquecido pela historiografia da época: “predominantemente dominada pela gesta dos descobrimentos e pela expansão ultramarina, limitada quase sempre aos (...) eventos políticos” (Entrevista ao *Jornal de Letras e Artes*, 7/9/1966). É patente o interesse pela possibilidade destes estudos servirem de suporte a novas abordagens da revolução de 1820 e dos primórdios do liberalismo, sintoma bem claro do interesse que despertavam tais temas e épocas inequivocamente arredados do ensino universitário do Estado Novo. Na mesma entrevista Albert Silbert presta uma vez mais testemunho sobre as dificuldades com que se deparou nos arquivos portugueses atribuindo-as não só à sua deficiente organização, mas também às perdas provocadas pelas invasões e guerras do século XIX além de “incúria ou ignorância lamentável”. Refere também a renovação dos estudos históricos que considera estar em curso em Portugal e liga-a directa ou indirectamente a Vitorino Magalhães Godinho e ao pequeno grupo de historiadores portugueses influenciados pelo seu trabalho: Borges de Macedo, Barradas de Carvalho, Joel Serrão, Piteira Santos. Historiadores de que encontramos vários textos fundamentais no famoso *Dicionário de História de Portugal*, coordenado por Joel Serrão (1963-71), onde verdadeiramente se



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

espelhou pela primeira vez, em conjunto, a renovação mencionada por Silbert mas onde, curiosamente, ele não colaborou.

Em 1970 seria publicada em Portugal uma revisão crítica ao *Le Portugal Méditerranéen* de autoria de Orlando Ribeiro. Uma revisão inabitual, visto ter revestido a forma de livro e conter mais de 200 páginas. O seu título era *A Evolução Agrária no Portugal Mediterrâneo, segundo Albert Silbert* e nela se apresentavam, de forma mais abreviada em relação às 1200 páginas originais, as propostas de Silbert acompanhadas de um debate minucioso dessas mesmas propostas feitas por um dos seus interlocutores privilegiados. O livro iniciava uma nova série da coleção *Chorographia*, a *Série histórica* e não será simples especulação supor que terá sido mais lido em Portugal do que as 1200 páginas escritas e publicadas em francês do próprio Silbert embora não dispense a sua leitura. O livro de Orlando Ribeiro é, assim, um longo diálogo com a obra magna de Silbert onde se percorrem as duas regiões que este elegera para o seu estudo, Beira-Baixa e Alentejo, e se discutem com minúcia as suas teses sobre as formas de propriedade e de exploração nas duas províncias consideradas e o seu respectivo respaldo jurídico, os cultivos, a criação de gado, a sua inserção nos mercados regionais, as vias de circulação e formas de comercialização dos produtos e também a estrutura social, nessa época charneira dos finais do Antigo Regime. São retomadas as temáticas relativas ao coletivismo agrário e ao seu ambíguo papel em regiões já fortemente penetradas pela agricultura e, sobretudo, pela criação de gado comerciais, em particular no que se refere ao uso dos pastos comuns. Orlando Ribeiro considerará que um dos aspectos mais originais da obra de Silbert se prende com a “descoberta” da importância do coletivismo agrário no Alentejo em particular na sua parte norte, na zona de Portalegre, e a sul na região de Campo de Ourique. Este diálogo entre geógrafo e historiador prolonga o que tinha sido já encetado no próprio *Le Portugal de Méditerranéen* expresso, desde logo, no próprio título da obra. O recorte geográfico escolhido por Silbert para a sua tese era, na realidade, parte daquilo a que Orlando Ribeiro chamara o “Portugal mediterrânico”, um dos três espaços em que tinha dividido o continente português na sua obra fundamental *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico* publicada em 1945.

Enquanto redigia a sua tese Albert Silbert fora professor do liceu, situação que era corrente em França na sua época, havendo, ainda hoje, maior permeabilidade entre o ensino secundário e superior naquele país do que em Portugal. No próprio ano em que entregou a tese na Sorbonne, em 1964, seria convidado por Braudel para dirigir um seminário na École des Hautes Études. Depois, integraria a Universidade de Clermont-Férrand onde leccionou entre 1967 e 1977, ano em que se aposentou. Em Paris teria como alunos outros portugueses exilados de uma outra geração, como Victor de Sá e Miriam Halpern Pereira que preparavam as suas teses de doutoramento em França. A esta última, em cujo júri de tese participou, ficaria especialmente ligado, mantendo com ela uma relação intelectual e académica particularmente frutuosa no pós-25 de Abril.



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Ao refletir sobre os efeitos do Salazarismo na historiografia portuguesa que, entre outras coisas, tinha fechado as portas da universidade a historiadores como Vitorino Magalhães Godinho ou Joel Serrão, lembraria outros que se tinham visto na contingência de abandonar o país. Só em França, além dos dois já citados, refere-se a José-Augusto França, Manuel Villaverde Cabral e Fernando Medeiros, não esquecendo também os que tinham partido para Inglaterra como Vasco Pulido Valente e Jaime Reis. A conclusão era clara e exprimiu-a em termos simples na entrevista de 1985 à *Ler História*: “Penso que o salazarismo do ponto de vista intelectual foi um desastre” (entrevista à *Ler História* nº 5, 1985, p.125).

Depois do 25 de Abril de 1974, Silbert, antes ignorado pelas instituições universitárias portuguesas, passaria a ter com elas contactos bastante regulares tornando-se os seus trabalhos referências fundamentais na renovação da historiografia e dos estudos históricos que conheceram uma verdadeira explosão nessa época. Seria convidado pela primeira vez para vir a Portugal em 1981 pelo Centro de Estudos de História Contemporânea Portuguesa (CEHCP) do ISCTE, criado e dirigido por Miriam Halpern Pereira. Participaria, nesse contexto, num célebre colóquio sobre o *Liberalismo na Península Ibérica na primeira metade do século XIX* que, conjuntamente com o que tinha sido organizado pelo Gabinete de Investigações Sociais sobre *O século XIX em Portugal* em 1979, demonstrariam, pela imensa afluência de público com que contaram, o vivo interesse que então despertavam os estudos sobre oitocentos. Miriam Halpern Pereira referir-se-ia, justamente, ao fenómeno como um “sinal da grande mudança cultural em curso” (“Homenagem a Albert Silbert”, *Público* de 3/1/1997). Foi sucessivamente convidado, mais tarde, por várias universidades portuguesas, como as universidades de Évora, do Porto e de Coimbra. Esta última viria a distingui-lo em 1991 com o título de doutor *honoris causa*. Nessa mesma data foi também homenageado pela APHES (Associação Portuguesa de História Económica e Social), num encontro organizado igualmente em Coimbra. No seu doutoramento *honoris causa* teve como padrinho António de Oliveira e o seu elogio foi proferido por Luis Reis Torgal e Irene Vaquinhas. O primeiro viria a publicar uma pequena notícia sobre o evento na *Revista de História das Ideias* (“Doutoramento Honnoris Causa do Professor Albert Silbert”, *Revista de História das Ideias*, pp. 513-514) em que, muito justamente, assinala o facto de a cerimónia ter contado com a presença do próprio Presidente da República da época, Mário Soares. Além do prestígio intelectual de Silbert, esta presença parecia assinalar também o papel material e simbólico que o historiador francês tinha desempenhado entre os exilados portugueses em França.

Depois do 25 de Abril, a influência da sua obra nos programas e bibliografias dos cursos de história criados ou renovados depois dessa data em Portugal foi notória. A sua caracterização do feudalismo português, por exemplo, e, nesse quadro, a problemática dos forais marcaram mais de uma geração de jovens estudiosos do mundo rural português nos finais do Antigo Regime e na primeira metade do século XIX e essa presença, como é de supor, estendeu-se aos cursos de geografia, de sociologia e de antropologia profundamente atraídos no final dos anos de 1970 e na década seguinte pela evolução das



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

estruturas agrárias e pela sociedade rural portuguesa. Albert Silbert tentara, entretanto, enveredar pelo estudo de uma outra região que desde cedo o interessara: Trás-os-Montes, onde um dos seus temas mais caros, o coletivismo agrário, tinha grande campo de aplicação. Não tendo encontrado suficientes apoios para o prosseguir, enveredou por estudos de história agrária da França, estudando os dízimos na região de la Beaune dos séculos XVI a XVIII. O resultado seria publicado num volume colectivo editado por Joseph Goy e Emmanuel le Roy Ladurie sobre as flutuações do produto da dízima do fim da Idade-Média ao século XVIII, publicado em 1972 (“Les relations franco-portugaises à la fin du XIX e siècle”. *Histoire du Portugal, Histoire Européenne*, 1987, pp. 237-252). Mais tarde, depois da sua colocação na Universidade de Clermont-Ferrand, sentiu-se no dever de se tornar especialista do Auvergne contemporâneo. “La région Auvergne pendant le gouvernement Daladier” publicado em 1978 foi um resultado dessa obrigação que se impôs e a sua segunda incursão na história do século XX. Portugal, porém, continuou sempre a interessá-lo e Albert Silbert continuou a publicar estudos sobre a sua história no período oitocentista debruçando-se cada vez mais sobre as relações externas do país, em particular as relações com a França, e estendendo o seu interesse à segunda metade do século XIX como o mostram textos como “Les relations franco-portugaises à la fin du XIX e siècle” ou “A crise portuguesa de 1890-91 vista de França”, respetivamente publicados no volume *Histoire du Portugal, Histoire Européenne* e na revista *Análise Social* (“A crise portuguesa de 1890-91 vista de França”, *Análise Social*, nº 123-124, (1994) pp. 1093-1115). Assim se foi construindo esse outro percurso aberto já nos distantes anos de 1950 e consolidado com textos como “La France et la politique portugaise de 1825 a 1830” e “Révolution française et tradition nationale: le cas portugais” (“La France et la politique portugaise de 1825 a 1830”. “Révolution française et tradition nationale: le cas portugais”, *O Liberalismo na Península Ibérica...*, 1982, 1º vol., pp. 41-61). Boa parte destes textos e outros mais antigos, versando outras matérias, seriam publicados pouco depois da sua morte por Miriam Halpern Pereira dando origem ao volume *Portugal na Europa Oitocentista* cujos materiais tinham sido já entregues pelo autor à editora que o viria a publicar. Nesse volume podemos encontrar, em tradução portuguesa, a grande maioria dos seus textos breves, o que o torna imprescindível para um melhor conhecimento da sua obra pelas gerações mais novas.

Depois do seu falecimento, em Paris, a 30 de dezembro de 1996, foram-lhe feitas várias homenagens em diferentes revistas científicas portuguesas. A *Ler História* consagrou-lhe um pequeno *dossier* com participação de duas historiadoras e duas geógrafas, respectivamente, Miriam Halpern Pereira, Fátima Sá e Melo Ferreira, Susanne Daveau e Denise de Brum Ferreira (“Homenagem a Albert Silbert 1915-1996”, *Ler História*, nº 32 (1997) pp. 163-177); a *Finisterra* dedicou-lhe textos de autoria de Carlos Alberto Medeiros e Mariano Feio (“Albert Silbert 1915-1996” *Finisterra*, XXXII, (1997), pp. 103-104, Mariano Feio (“Um historiador no campo”, *Idem*, pp.105-107); a *Pénélope* um *in memoriam* de Nuno Gonçalo Monteiro (“Albert Silbert: In Memoriam”, *Pénélope*, 17, 1997) e a revista *História* um texto de Vitorino Magalhães Godinho



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

“Os novos caminhos para conhecer Portugal”, *História*, 29 (Março, 1997) pp. 28-37). Todos testemunham o reconhecimento, apreço e estima de que Albert Silbert e a sua obra foram alvo em Portugal. O que não invalida a pertinência da observação, em que transparece alguma mágoa, que fez na entrevista de 1985 à *Ler História* ao referir os seus estudos sobre o Auvergne destinados a acompanhar os trabalhos dos seus estudantes: “... um professor da universidade, na província, deve animar a pesquisa regional. É preciso encontrar temas para os estudantes de *maitrise* e de doutoramento que trabalham na região. Tive muitos e tornei-me especialista de história contemporânea de Auvergne. Tive menos possibilidade de formar historiadores portugueses” (Entrevista à *Ler História* nº 5 (1985), p. 123). Que Albert Silbert, com o enorme conhecimento da história de Portugal de que dispunha, tenha tido poucas possibilidades de formar directamente historiadores portugueses, depois do fim do regime ditatorial que tinha levado tantos investigadores a exilarem-se é, sem dúvida, motivo de reflexão. As contingências do ensino e da pesquisa universitários num período em que as fronteiras nacionais eram muito mais estanques do que o são hoje, tanto em termos de áreas de investigação como de modos de organização da docência e da pesquisa, contribuem, sem dúvida, para o explicar. Nos nossos dias haveria possibilidades quase inexistentes nos anos 70 e 80 do século passado de estabelecimento de parcerias universitárias internacionais e de redes de pesquisa. No entanto, este breve desabafo do grande historiador francês pode ainda entender-se a outra luz: Albert Silbert, apesar de toda influência que os seus estudos tiveram na historiografia portuguesa e noutras áreas das ciências sociais em Portugal, nunca foi um “maître à penser” para os investigadores portugueses que o leram e que com ele contactaram. Na verdade, nunca terá querido desempenhar esse papel para o qual não parecia ter vocação. Era demasiado analítico, metucioso e modesto para jogar esse jogo. Se assim não fosse não teria enveredado pelo tipo de estudo que mais cultivou e a que mais anos da sua vida consagrou: duas regiões rurais pobres de um país periférico. Essa escolha foi pesada de consequências e implicou que nunca viesse a ter no seu país o reconhecimento público que merecia. A sua opção por uma discreta posição teórica e ideológica dificilmente permitiria, também, que tivesse vindo a desempenhar na historiografia portuguesa daqueles anos um papel semelhante ao que Pierre Vilar desempenhou na historiografia espanhola. Isso não o impedia de possuir uma notável preparação teórica e uma grande atualização historiográfica que lhe permitiam abordagens e ângulos de visão originais, perceptíveis em textos como: “Modernité et archaïsme en histoire: quelques réflexions” (*Estudos e Ensaios*, Homenagem a Vitorino Magalhães Godinho, 1988, pp. 61-78) ou “La recherche française en histoire contemporaine: deux instituts parisiens spécialisés” (*Arquivo e Historiografia*, 1985), além do mais antigo: “Oliveira Martins et l’Histoire” (*Regards sur la Génération Portugaise de 1870*, 1971, pp. 85-100). Menos compreensível é que num país que tão aprofundadamente estudou e onde a sua obra teve tantos admiradores e seguidores de várias gerações, os dois principais frutos da sua pesquisa, *Le Portugal Méditerranéen* e *Le problème agraire portugais* nunca tenham sido traduzidos. Historiador de regiões



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

periféricas de um país periférico Albert Silbert sofreu as consequências dessa condição, hoje agravada pelo estatuto também periférico que a língua francesa passou a ter entre as novas gerações.

**Bibliografia activa:** “Autour de Francisco Solano Constâncio” *Bulletin des Études Portugaises*, 1950\*; “Chartisme et Septembrisme. La vie politique à Porto de 1836 à 1839 d’après les consuls français”. *Bulletin des Études Portugaises*, 1952\*; “Contribuição para o estudo do movimento dos preços dos cereais em Lisboa (do meio do século XVIII ao meio do século XIX)”, *Revista de Economia*, Vol. VI, Junho, 1953\*; “La production de céréales à la Beaune d’après les dîmes, XVI ème-XVIII èmes siècles” GOY, Joseph, LADURIE, Emmanuel Le Roy (eds), *Les fluctuations du produit de la dime. Conjoncture décimale et domaniale de la fin du moyen âge au XVIII ème siècle*, Paris, Mouton, 1972; “La région d’Auvergne pendant le gouvernement Daladier”, *Cahiers d’Histoire* (Lyon), Vol. XXIII, 2, 1978; “Le camp des aspirants”, *Revue d’Histoire de la Deuxième Guerre Mondiale* n° 28 e 29, outubro de 1957, janeiro de 1958; “Les relations franco-portugaises à la fin du XIX ème siècle”, *Histoire du Portugal, histoire européenne*, Paris, FCG, 1987\*\*; “Révolution française et tradition nationale : le cas portugais”, *Revista Portuguesa de História*, Tomo XXII, 1988\*\*; “Sur la géographie agraire ancienne de l’Extremadura”, *Revista de História Económica e Social*, 22, 1988\*\*; “Uma aldeia comunitária da Beira-Baixa no início do século XIX: Monforte”, *Revista Portuguesa de História*, Tomo XI, 1964\*; “Utopie et socialisme de 1871 à 1874 d’après la correspondance diplomatique française”, *Utopie et socialisme au Portugal au XIX ème siècle*, Paris FCG, 1982\*\*; “História Social e Agrária», *Ciências Sociais*, 2, 1978; “La féodalité portugaise et son abolition », *L’abolition de la féodalité dans le monde occidentale*, Paris, CNRS, 1971\*; “La France et la politique portugaise de 1825 à 1830”, *O Liberalismo na Península Ibérica na primeira metade do século XIX*, Lisboa, Sá da Costa Editora, 1982\*\*; “O colectivismo agrário em Portugal.História de um problema”, *Economia e Finanças*, Vol. XXVIII, 1960\*; “Oliveira Martins et l’histoire”, *Regards sur la génération portugaise de 1870*, Paris, FCG-Centre Culturel Portugais, 1971\*\*; “A crise portuguesa de 1890-91 vista de França », *Análise Social*, 123-124, 1994\*\*; “La recherche française en histoire contemporaine : deux instituts parisiens spécialisés”, *Arquivo e Historiografia. Colóquio sobre as Fontes de História Contemporânea Portuguesa*, Lisboa, INIC (1985); “Le Portugal devant la politique française (1799-1814)”, *Les pays sous domination française*, Paris, Centre de documentation Universitaire, 1968\*; “Le Portugal et l’étranger pendant la période révolutionnaire et napoléonienne”, *Actes du Colloque Patriotisme et Nationalisme en Europe à l’époque de la Révolution Française et de Napoléon*, Paris, 1973\*; “Le Portugal, l’Angleterre et la France en 1823-25 : économie et politique», *Revista de História*, São Paulo, 1974\*\*; “Les invasions françaises et les origines du libéralisme au Portugal”, *Revista de História das Ideias*, Vol. II , 1978-79\*; “Modernité et archaïsme en histoire :quelques réflexions”, *Estudos e Ensaios em homenagem a Vitorino Magalhaes Godinho*, Lisboa, Sá da Costa Editora, 1988\*\*; *Do Portugal do Antigo Regime ao Portugal Oitocentista*, Lisboa, Livros Horizonte, 1972. (2ª Ed.

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

1977); *Le camp des aspirants pendant la Deuxième Guerre Mondiale: 1939-1945*, Amicale du camp des aspirants, 1991; *Le Portugal Méditerranéen à la fin de l'Ancien Régime - XVIII e – début du XIX e siècle. Contribution à l'histoire agraire comparée*, Paris, SEVPEN, 1966, 2 vols. (2º Ed. : Lisboa, INIC, 1978); *Le problème agraire portugais au temps des premières Cortès libérales (1821-1823)*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian/Presses Universitaires de France, 1968. (2ª Ed. 1985); *Portugal na Europa Oitocentista*, Lisboa, Edições Salamandra, 1998; *Un carrefour de l'Atlantique: Madère: 1640-1820*, Lisboa, Ed. Império, 1954. (2ª Ed. Governo Regional da Madeira, Funchal, 1998, edição bilingue)\*\*; Entrevistas: Entrevista a Carlos Veiga Pereira, *Jornal de Letras e Artes*, Ano V, nº 251, 7/9/1966; Entrevista a Magda Pinheiro, *Ler História*, 5, 1985.

-

\*Reeditado em *Do Portugal do Antigo Regime ao Portugal Oitocentista*

\*\*Reeditado em *Portugal na Europa Oitocentista*.

**Bibliografia passiva:** DAVEAU, Suzanne, “Um Historiador geógrafo”, *Ler História*, 32, 1997; FEIO, Mariano, “Um historiador no campo”, *Finisterra*, XXXII (1997); FERREIRA, Denise de Brum, “Recordando Albert Silbert” *Ler História*, 32, 1997; FERREIRA, Maria de Fátima Sá e Melo, “Albert Silbert ou a história (in)certa”, *Ler História*, 32, 1997; GODINHO, Vitorino Magalhães, “Albert Silbert: Os novos caminhos para conhecer Portugal”, *História*, 29 (Março 1997) pp. 28-37; MACEDO, Jorge de, nota de leitura a Albert Silbert, “Chartisme et Septembrisme – La vie politique à Porto de 1836 à 1839 d’après les consuls français », *Ler. Jornal de Letras, Artes e Ciências*, Ano 11, nº 19, Lisboa, Outubro de 1953; MAURO, Frédéric, recensão a Albert Silbert, *Le Portugal Méditerranéen. Revue belge de philologie et d'histoire*, Année 1967, Volume 45, Numéro 2, pp. 551–555; MEDEIROS, Carlos Alberto, “Albert Silbert 1915-1996” *Finisterra*, XXXII, (1997); MONTEIRO, Nuno, “Albert Silbert: In Memoriam”, *Penélope. Fazer e Desfazer História* 17, 1997; PEREIRA, Miriam Halpern, “Homenagem a Albert Silbert”, *Público* de 3/1/1997; Id., “Um historiador francês e a historiografia portuguesa” *Ler História*, 32, 1997; RIBEIRO, Orlando *A Evolução Agrária no Portugal Mediterrâneo, segundo Albert Silbert*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, 1970; ROCHE, Jean, recensão a Albert Silbert, *Le problème agraire portugais au temps des premières Cortès libérales (1812-1823)*, *Bulletin Hispanique*, Année 1969, Volume 71, Numero 1.

Fátima Sá e Melo Ferreira



APOIOS:

